

MÁRCIO CORREIA CAMPOS

A igreja da Ajuda em Salvador, Bahia e o deslocamento do lugar de fala do Padre Antônio Vieira

The church of Ajuda in Salvador, Bahia and the displacement of Father Antônio Vieira's place of speech

La iglesia de Ajuda en Salvador de Bahia y el desplazamiento del lugar de habla del Padre Antônio Vieira

Márcio Correia Campos

Professor Adjunto de Projeto, Teoria e Crítica de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da UFBA. Arquiteturo e Urbanista por esta mesma Universidade (1993) e Mestre em Arquitetura pela Universidade Técnica de Viena (TU-Wien), Áustria (1999). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Pesquisador nas áreas de projeto, teoria, crítica e história da arquitetura dos séculos XX e XXI e patrimônio cultural edificado, desenvolve pesquisa na área de Tipologia de Arquitetura Contemporânea, tendo lançado o livro *Minha Vaga, Minha Morada, arquitetura para pessoas e automóveis em Salvador, Bahia* (EDUFBA, 2019). Experiência docente nas áreas de Projeto, Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e História da Arte e, como profissional de projeto, em escritórios de arquitetura no Brasil e na Áustria.

*Professor of Architecture Design, Theory and Criticism at the Faculty of Architecture of UFBA. He has a degree in Architecture and Urbanism from the same university (1993) and a Master's degree in Architecture from the Technical University of Vienna (TU-Wien), Austria (1999). PhD student in the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism at UFBA. Researcher in the areas of design, theory, criticism and history of 20th and 21st century architecture and built cultural heritage, he is working about Contemporary Architecture Typology, having released the book *Minha Vaga, Minha Morada, arquitetura para pessoas e automóveis em Salvador, Bahia* (EDUFBA, 2019). He has teaching experience in the areas of Design, Theory and History of Architecture and Urbanism and History of Art and, as a design professional, in architectural offices in Brazil and Austria.*

*Profesor de Proyecto, Teoría y Crítica de la Arquitectura en la Facultad de Arquitectura de la UFBA. Licenciado en Arquitectura y Urbanismo por la misma universidad (1993) y Máster en Arquitectura por la Universidad Técnica de Viena (TU-Wien), Austria (1999). Cursa el Doctorado en el Programa de Postgrado en Arquitectura y Urbanismo de la UFBA. Investigador en las áreas de diseño, teoría, crítica e historia de la arquitectura y del patrimonio cultural construido de los siglos XX y XXI, desarrolla investigaciones en el área de Tipología de la Arquitectura Contemporánea, habiendo publicado el libro *Minha Vaga, Minha Morada, arquitetura para pessoas e automóveis em Salvador, Bahia* (EDUFBA, 2019). Tiene experiencia docente en las áreas de Diseño, Teoría e Historia de la Arquitectura y Urbanismo e Historia del Arte y, como profesional de proyecto de arquitectura, en estudios de arquitectura en Brasil y Austria.*

mcorreiacampos@gmail.com

Resumo

Há cem anos era inaugurada a nova igreja da Ajuda em Salvador, Bahia, após a original ter sido demolida como parte do processo de modernização do centro da cidade liderado pelo governador J. J. Seabra e desencadeado a partir do bombardeio de 1912. A importância da igreja da Ajuda, primeira construção religiosa na cidade alta e lugar onde o padre Antônio Vieira proferiu alguns dos seus sermões, deu origem à época a um debate na imprensa local que não conseguiu impedir seu desaparecimento para dar lugar ao novo traçado das ruas que formavam a mais antiga área urbanizada intramuros de Salvador. O artigo apresenta uma compreensão crítica do deslocamento espacial a que a igreja da Ajuda foi submetida: precisando-o através da comparação da situação da nova igreja com os registros cartográficos e textuais da igreja antiga e tomando como centro de atenção a decisão de preservação do púlpito original no interior da nova igreja, a redefinição da estrutura espacial urbano-arquitetônica decorrente da demolição seguida de reconstrução é submetida às tensões entre arquitetura e escrita, como apresentadas por Peter Eisenman, no esforço de elucidação do que o autor denomina "os afetos do desastre". Esta imanência de um evento espacial traumático diante do púlpito conservado na nova igreja da Ajuda abre, desta maneira, mais uma vez para certa reavaliação do mito da presença na arquitetura, e para uma percepção mais acurada dos mecanismos através dos quais a modernização do espaço urbano atuou e negociou com a modulação de relações antes estabelecidas, intermediadas, reafirmadas através do próprio espaço da cidade.

Palavras-chave: Igreja da Ajuda. Salvador. Modernização. Padre Antônio Vieira.

Abstract

One hundred years ago, the new Ajuda church was inaugurated in Salvador, Bahia, after the original one had been demolished as part of the process of modernizing the city center led by Governor J. J. Seabra and triggered by the bombing of 1912. The importance of the Ajuda church, the first religious building in the upper city and the place where Father Antônio Vieira delivered some of his sermons, gave rise at the time to a debate in the local press that failed to prevent its disappearance to make way for the new layout of the streets that formed the oldest urbanized area within Salvador. The article presents a critical understanding of the spatial displacement to which the Ajuda church was subjected: clarifying it by comparing the situation of the new church with the cartographic and textual records of the old church and taking as its focus the decision to preserve the original pulpit inside the new church, the redefinition of the urban-architectural spatial structure resulting from the demolition followed by reconstruction is subjected to the tensions between architecture and writing, as presented by Peter Eisenman, in an effort to elucidate what the author calls "the affections of disaster". This immanence of a traumatic spatial event in front of the pulpit preserved in the new church of Ajuda thus once again opens up a certain reassessment of the myth of presence in architecture, and a more accurate perception of the mechanisms through which the modernization of urban space acted and negotiated with the modulation of relationships previously established, mediated and reaffirmed through the city space itself.

Keywords: Ajuda Church. Salvador. Modernization. Father Antônio Vieira.

Resumen

Hace cien años, se inauguró en Salvador de Bahía la nueva iglesia de Ajuda, después de que la original fuera demolida en el marco del proceso de modernización del centro de la ciudad dirigido por el gobernador J. J. Seabra y desencadenado por el bombardeo de 1912. La importancia de la iglesia de Ajuda, primer edificio religioso de la ciudad alta y lugar donde el padre Antônio Vieira pronunció algunos de sus sermones, suscitó un debate en la prensa local e la época que no consiguió evitar su desaparición para dar paso al nuevo trazado de las calles que formaban la zona urbanizada más antigua dentro de las murallas de Salvador. El artículo presenta una comprensión crítica del desplazamiento espacial al que fue sometida la iglesia de Ajuda: aclarándolo mediante la comparación de la situación de la nueva iglesia con los registros cartográficos y textuales de la antigua iglesia y tomando como centro de atención la decisión de conservar el púlpito original en el interior de la nueva iglesia, la redefinición de la estructura espacial urbano-arquitectónica resultante de la demolición seguida de la reconstrucción se somete a las tensiones entre arquitectura y escritura, tal como las presenta Peter Eisenman, en un esfuerzo por dilucidar lo que el autor denomina "los afectos del desastre". Esta inmanencia de un acontecimiento espacial traumático delante del púlpito conservado en la nueva iglesia de Ajuda abre así, una vez más, una cierta reevaluación del mito de la presencia en la arquitectura, y una percepción más precisa de los mecanismos a través de los cuales actuó la modernización del espacio urbano.

Palabras clave: Iglesia de Ajuda. Salvador de Bahía. Modernización. Padre Antônio Vieira.

Introdução

A antiga igreja da Ajuda foi a primeira igreja construída na cidade alta em Salvador e, como templo jesuítico, destacou-se como o lugar onde o padre Antônio Vieira proferiu vários de seus sermões. Tal importância histórica não a livrou de demolição no âmbito das obras de modernização do centro da cidade, junto a outros edifícios como a igreja da Sé e a de São Pedro. Onze anos após a demolição, era inaugurada em 1923 a nova igreja da Ajuda, em local próximo ao da antiga igreja. Após uma síntese da contextualização histórica da demolição, que foi parte das obras de remodelação do centro da cidade desencadeado pelo bombardeio de 1912, o presente artigo se utiliza de elementos cartográficos para, inicialmente, precisar a relação espacial entre a igreja antiga e a nova, uma vez que várias descrições desta relação contêm equívocos ou incompreensões. À luz de dois escritos de Peter Eisenman, é elaborada então uma interpretação crítica deste preciso deslocamento espacial marcado pela demolição e reconstrução da igreja da Ajuda, sua articulação com os processos de modernização e os limites de sua pretensão de continuidade através da conservação e instalação na igreja nova de parte do mobiliário e estatuária da igreja antiga, a exemplo do púlpito original usado por Antônio Vieira.

A demolição da primeira igreja da cidade alta de Salvador

No dia 15 de setembro de 1912 iniciaram-se os trabalhos de demolição da antiga igreja da Ajuda em Salvador, Bahia; no dia anterior, havia sido lançada e benzida pelo Arcebispo Dom Jerônimo Thomé da Silva a pedra fundamental para a construção da nova igreja da Ajuda, projeto do arquiteto italiano Júlio Conti, que veio a ser concluída após pouco mais de dez anos, em 1923 (Assunção, 2019: 149; Lins/Santana, 2012: 190).

A mais antiga igreja da cidade alta, erguida como uma pequena capela ainda em 1549 como parte dos trabalhos de fundação da cidade, reconstruída já em 1552 em taipa por solicitação de Manuel da Nóbrega (1517-1570), chefe da primeira missão jesuítica às Américas, e substituída em 1579 por uma edificação de pedra e cal (Assunção, 2019: 149; Lins/Santana, 2012: 189), sucumbia assim às obras de modernização do centro de Salvador executadas por José Joaquim Seabra entre 1912 e 1915. Não bastasse ter sido a primeira igreja da cidade alta, a antiga igreja da Ajuda foi ainda o lugar onde o Padre Antônio Vieira (1608-1697) proferiu alguns de seus sermões, o que lhe conferia, sem dúvida alguma, a importância de patrimônio histórico.

As obras que remodelaram a área mais antiga do centro de Salvador incluíram a abertura da avenida Sete de Setembro, o que levou à demolição de uma série de quarteirões e edifícios na área da expansão da cidade em direção ao sul que ocorrera dos séculos XVII ao XIX, e à intervenção na área mais central da cidade, em especial na forma do alargamento da rua Chile, que havia sido severamente destruída após os bombardeios que encerraram a crise política que levou Seabra ao governo do Estado.¹ Ainda que no conjunto destas transformações a demolição mais emblemática tenha sido a da igreja da Sé, ocorrida somente no ano de 1933, as obras conduzidas por Seabra ameaçaram também a igreja e mosteiro de São Bento e levaram à demolição e reconstrução em outro lugar da igreja de São Pedro, ambas fora dos muros da cidade antiga.

¹ J. J. Seabra (1855-1942) havia sido o responsável pelas obras de remodelação e ampliação do porto de Salvador, quando exercia o cargo de ministro no governo federal, e governou a Bahia por dois períodos, entre 1912 e 1916 e entre 1920 e 1924, época que ficou marcada pelas grandes obras de modernização de Salvador (Lins/Santana, 2012: 54, 190).

Situada em imediata vizinhança da rua Chile, em uma dupla esquina na inflexão principal da quadricula original derivada da adaptação ao terreno, a antiga igreja da Ajuda é sacrificada exatamente por que, devido ao alargamento modernizante daquela que passaria então a ser a rua mais importante da cidade até os anos de 1970, seu sítio, que a tornava um edifício isolado no conjunto urbano, foi incorporado pelo traçado regulador das ruas ao quarteirão adjacente, como compensação pelo alargamento da rua Chile.

Enquanto a defesa da Sé, como edifício monumental de destaque, levou a um debate público que se estendeu até o ano de 1933, quando finalmente a igreja e dois quarteirões a ela adjacentes são arrasados para dar lugar à Praça da Sé, cuja função era abrigar o terminal das linhas de bondes (Assunção, 2019: 158), certa resignação se abateu sobre a demolição da igreja da Ajuda, que não contou com o empenho de peso que teve na mesma época a defesa vitoriosa da igreja de São Bento, tendo à frente o empenho obstinado do abade do mosteiro.²

A igreja da Ajuda que havia chegado de pé a 1912, além ter sido o mais antigo edifício religioso do pequeno núcleo original da cidade fortificada no alto da montanha, guardava em seus muros uma muito particular história: tendo assumida a condição de Sé por ocasião da chegada do primeiro bispo à cidade (Lins/Santana, 2012: 189-190), o templo foi propriedade da Companhia de Jesus até a expulsão da ordem do Brasil, em 1759, “ficando abandonada até 1823, quando a Irmandade do Senhor do Bom Jesus dos Passos e Vera Cruz aí se instalou, obtendo, posteriormente, em 1827, a doação do Governo Imperial” (Lins/Santana, 2012: 189-190). Como igreja jesuítica no núcleo original da cidade, a sua importância para a história da cultura residia seguramente no fato de o seu púlpito ter sido frequentemente usado pelo Padre Antônio Vieira.

Esta peça de mobiliário do século XVII, sinalizada especialmente através de uma placa com os dizeres “A Academia de Letras da Bahia mandou assentar esta lápide no púlpito em que pregou o insigne Padre Antônio Vieira”, assim como os altares principal e laterais e as imagens de santos dos séculos XVII e XVIII compõem hoje o espaço interior da nova igreja da Ajuda, inaugurada somente em 1923 (Lins/Santana, 2012: 190).³ Esta preservação de parte do mobiliário como forma de oferecer alguma continuidade da ambiência do espaço interior da igreja antiga pode vir a ser compreendida como uma espécie de compensação à sua demolição, já que boa parte do debate à época, mesmo que em vão, chamava a atenção para a unicidade do edifício religioso como registro importante da história e cultura da cidade (Assunção, 2019: 124, 131).

A reconstrução da igreja da Ajuda, não exatamente no mesmo lugar

É assim que, apesar da preservação destas peças importantes, a igreja antiga foi demolida, como já descrito aqui, passando seu sítio original a ser incorporado ao quarteirão lindeiro à rua Chile que lhe era imediatamente vizinho. Já o lugar da reconstrução da nova igreja da Ajuda é registrado na bibliografia de maneira nebulosa ou ambígua, quando não imprecisa ou incorreta, em parte pelos efeitos espaciais

2 Gabriela de Andrade L. M. Assunção (2019) descreve em sua tese de Doutorado intitulada *Imagens Dissolventes da Narrativa de Modernidade: Interpretações sobre a tradição a partir de casos de demolições em Recife e Salvador (1909-1933)* todo o debate nos jornais sobre as propostas de demolição das igrejas da Ajuda, São Bento e Sé, elucidando as estratégias argumentativas e a participação dos atores nas polêmicas estabelecidas, sublinhando as considerações sobre a defesa de distintos valores patrimoniais das igrejas.

3 Assunção (2019) registra à página 150 o ano de 1913 como da inauguração da nova igreja.

gerados pelo alargamento da rua Chile no redesenho da área, em parte porque a nova igreja se encontra efetivamente em sítio muito próximo ao da igreja antiga.

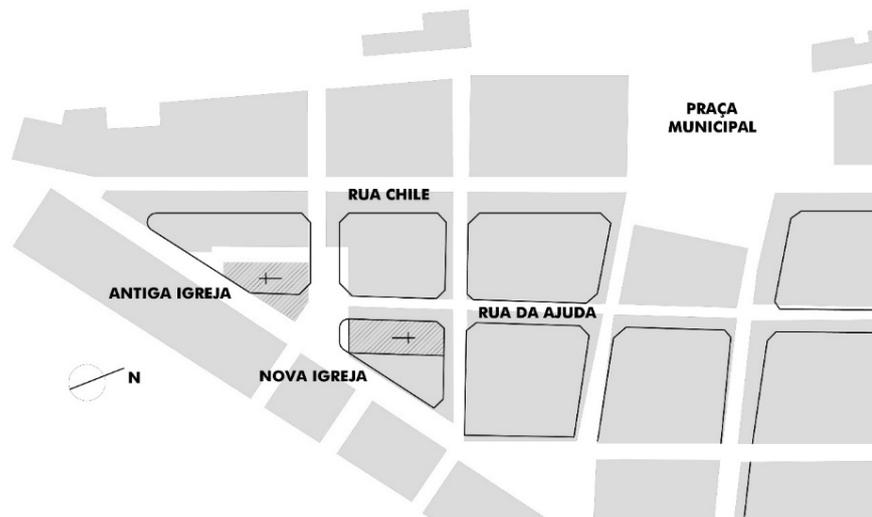
Gabriela Assunção repete em sua tese de doutorado, que trata da elaboração das noções de tradição e modernidade através dos argumentos apresentados em artigos na imprensa da época das demolições em Salvador e Recife, a informação de que a nova igreja teria sido construída no mesmo lugar da antiga: “Na freguesia da Sé, a Igreja da Ajuda terminou demolida em 1912, sendo construída no mesmo terreno com feições ecléticas” (Assunção, 2019: 24).⁴

Entretanto, uma consulta à planta intitulada Melhoramentos Municipais no Distrito da Sé, de 1912, reproduzida por Assunção à página 157 de sua tese, comparando-a com a situação atual da nova igreja da Ajuda, que pode ser verificada em bases de imagens como Google Maps ou Google Earth, o quarteirão de forma triangular que ela hoje compartilha com o edifício eclético construído também após as obras de alargamento e regularização de 1912 era originalmente ocupado por seis casas e não pela igreja antiga.

E levando-se em consideração a localização da nova igreja da Ajuda, coincidente portanto com o quarteirão de desenho triangular na esquina da rua do Tesouro com a rua da Ajuda, tampouco parece precisa a informação que traz o Guia de Arquitetura e Paisagem de Salvador e Bahia de Todos os Santos de que a nova igreja foi construída “nos terrenos que compunham o pequeno largo que, em forma de trapézio, ficava diante da igreja desaparecida” (Lins/Santana, 2012: 190)

FIGURA 1 - Centro de Salvador, localização das igrejas da Ajuda, antiga e nova, e indicação do novo traçado dos quarteirões decorrente das obras de alargamento das ruas Chile e da Ajuda.

Fonte:



Se reunirmos as informações constantes dos desenhos da evolução da ocupação do centro histórico, produzidos pelo CEAB (Simas Filho, 1988), através dos quais é possível perceber a localização da igreja antiga e seu adro, e da planta de Melhoramentos Municipais no Distrito da Sé, é evidente que, enquanto o terreno da antiga igreja foi incorporado parcialmente ao primeiro quarteirão entre as ruas Chile e da Ajuda, hoje ocupado parcialmente pelo Hotel Palace, e parcialmente à área de conexão entre as ruas da Ajuda e do Tesouro, o espaço de seu adro foi incorporado pelo processo de regularização do traçado das ruas tanto ao segundo quarteirão entre as ruas Chile e da Ajuda, hoje parcialmente ocupado pelo edifício Martins Catharino, como ao novo traçado da Travessa da Ajuda.

⁴ Citando um trecho de um dos artigos de jornal tratados na tese, Assunção reafirma à página 146 que a igreja nova substituiria “o santuário ali mesmo onde estava.” À página 149, esta noção é mais uma vez reforçada, ao descrever a demolição/reconstrução da seguinte maneira: “nova edificação que seria erguida no mesmo terreno da que haveria de ser demolida.” Entretanto, sem que a autora tematize o assunto, ela cita à página 138 outro artigo de jornal, onde se lê que a igreja da Ajuda estaria “prestes a ser arrancada de seus alicerces e removida para outro local.”

A igreja da Ajuda em Salvador, Bahia e o deslocamento do lugar de fala do Padre Antônio Vieira

The church of Ajuda in Salvador, Bahia and the displacement of Father Antônio Vieira's place of speech

La iglesia de Ajuda en Salvador de Bahía y el desplazamiento del lugar de habla del Padre Antônio Vieira

Como é possível observar no desenho elaborado por Mariana Vaca Cevallos para a seu trabalho de Especialização em Restauração, em 1988, é evidente que a nova Igreja da Ajuda está do lado oposto da rua da Ajuda, em relação à antiga igreja, e que ela não ocupa o terreno que antes era ocupado pelo seu adro (Vaca Cevallos, 1988: s. p.). Se é possível descrever em termos de deslocamento espacial a relação entre as igrejas antiga e nova, a nova corresponde a uma rotação de aproximadamente 180 graus seguida de espelhamento do volume ao redor de seu eixo, tomando como ponto central o cruzamento dos eixos da Travessa e da rua da Ajuda.

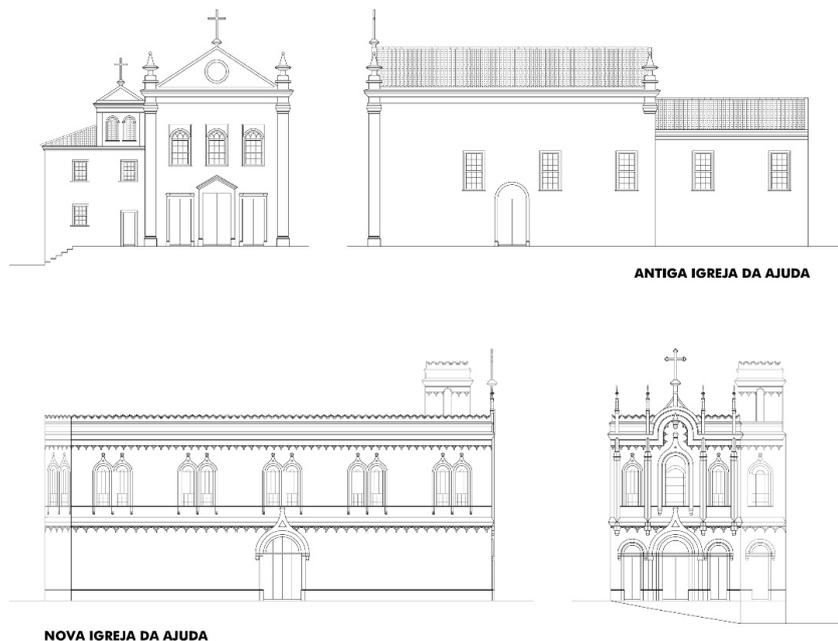


FIGURA 2 - Esquema das fachadas principal e lateral das igrejas da Ajuda, antiga e nova.

Fonte:

Esclarece-se assim um ponto importante: a nova igreja da Ajuda está orientada de maneira exatamente oposta em relação à antiga; enquanto esta estava voltada para o norte, aquela abre-se, desde sua inauguração há cerca de cem anos, em direção ao sul. Esta mudança radical de orientação tem, entretanto, implicações não menos importantes para o filólogo ou estudioso de letras que procure a nova igreja da Ajuda para conhecer o púlpito usado pelo Padre Antônio Vieira. A primeira dela diz respeito à maneira como as igrejas tomavam parte na organização da arquitetura da cidade e seus espaços abertos e públicos, ou seja, seu sistema de praças e ruas, até o século XIX.

Situada no alto da falésia que se estende diante da Baía de Todos os Santos em sentido aproximado sudoeste – nordeste, Salvador se desenvolveu, a partir do núcleo original do povoamento, expandindo-se linearmente sobre a falésia, nas duas direções, mais do que em direção a sudeste, para o interior, tendo como limite claro as águas do Dique do Tororó. Observando-se esta área central da cidade, ocupada até o século XVIII, quando a cidade deixa de ser capital da colônia, o sistema de igrejas não somente reservou para si pontos elevados estratégicos, conferindo a suas torres a posição mais alta na hierarquia da organização espacial, senão também apresenta uma regra muito clara, que determina dois grupos, quanto à orientação de sua nave: o primeiro grupo é formado pelas igrejas implantadas perpendicularmente à falésia; estas igrejas podem estar portanto voltadas para sudeste ou para noroeste, ou seja, com suas fachadas principais ou com os fundos voltados para a baía. É nestas duas disposições que se encontram a Catedral, antiga igreja dos jesuítas, e a igreja de São Francisco, uma de frente para a outra, ambas voltadas para a praça do Terreiro de Jesus.

Já as igrejas do outro grupo, de orientação nordeste ou sudoeste, ou seja, implantadas longitudinalmente acompanhando a falésia, trazem uma regra de orientação dependente da sua posição em relação à Praça Municipal, marco central da cidade, onde se encontram a Câmara Municipal e o Palácio do Governo, sede dos poderes do Estado desde a fundação da cidade: as igrejas que se situavam ao norte da praça estavam voltadas para o sudoeste e, ao contrário, as igrejas situadas ao sul da praça estavam voltadas para o nordeste. Ao norte da Praça Municipal é exemplo desta regra a igreja de São Domingos, ao sul, a igreja de São Bento.

Assim, o sistema de espaços públicos, a continuidade entre praças, largos e igrejas, pode ser compreendido como uma irradiação a partir da Praça Municipal para o qual se abria em direção ao centro o conjunto de igrejas da cidade. Mesmo a reconstrução da igreja de São Pedro, demolida à mesma época que a igreja da Ajuda, manteve esta orientação do espaço da nova igreja, na Praça da Piedade, em direção à Praça Municipal. É assim que a nova igreja da Ajuda representa uma radical mudança da compreensão espacial do sistema de espaços públicos na cidade no início do século XX. Reorientada em direção contrária à Praça Municipal, ela passa a ser um registro único do espírito de modernização, menos pela sua arquitetura atualizada em estilo manuelino, mas principalmente por romper a organização espacial anterior, que vinculava a orientação do espaço interior das igrejas em direção ao centro do poder público: a modernização, com a regularização das ruas para a passagem das linhas de bondes, rompe espacialmente também as relações entre os poderes religioso e estatal, desfigurando a irradiação a partir do centro do poder.

Literatura e espaço: a questão do afeto



FIGURA 3 - Púlpito em madeira utilizado pelo Padre Antônio Vieira na antiga igreja da Ajuda, como se encontra hoje instalado na nova igreja.

Fonte:

Como lugar de onde o Padre Antônio Vieira leu muitos dos seus sermões, a reorientação da nova igreja da Ajuda assume um interesse especial para os filólogos que a visitam para conhecer o púlpito histórico usado pelo importante autor da língua portuguesa. Por mais que a manutenção de parte importante do mobiliário antigo, para o qual o espaço da nova igreja foi concebido, e por mais que a atualização estilística do novo imóvel guardem uma leitura tipológica que mimetiza tamanho, número e ritmo de aberturas e outras regras compositivas da antiga igreja, o fato de o púlpito encontrar-se hoje em direção oposta ao que ele se encontrava na antiga igreja desfaz a possibilidade de ter a experiência espacial do lugar de fala do Padre Antônio Vieira, que do púlpito da igreja da Ajuda dirigia seus sermões ao centro do poder civil.

Peter Eisenman, arquiteto norte-americano e autor de uma vasta obra teórica que dialoga aberta e profundamente com os campos da filosofia e da linguística, apresenta em seu texto intitulado *The Author's Affect: Passion and the Moment of Architecture* a possibilidade de um autor de uma obra de arquitetura definido como um construto do *selfe* da língua, distinto portanto da definição tradicional, capaz assim de ser relacionado à aproximação entre língua e presença do objeto, sendo esta presença a qualidade especial que define a aura da arquitetura (Eisenman, 2003a: 215).⁵ Para argumentar em favor desta noção de autor, Eisenman demarca a diferença entre arquitetura e escrita, que não deixa de ser particularmente interessante para a aproximação a uma arquitetura tão vinculada à literatura, como é o caso da igreja da Ajuda, acrescida da complexidade determinada pela sua história de demolição e reconstrução como a descrevemos, sua descontinuidade como edifício físico e sítio, sua continuidade através da sagração à mesma santa, dos móveis e imagens. Segundo Eisenman:

A diferença entre arquitetura e escrita é geralmente definida como uma entre as coisas e os sinais. Coisas e sinais pertencem a sistemas de diferimento [deferral], e estes dois sistemas contêm um momento de transgressão, uma transgressão que é também um diferimento deste momento. Esta também é sua diferença: a diferença entre o sistema da coisa e o sistema do sinal corresponde à diferença entre o momento da recepção de uma palavra e o momento da recepção de uma coluna (Eisenman, 2003a: 216).⁶

Para construir a noção do momento da paixão que pode vir a ser o momento do olhar do outro em direção ao autor, para se chegar à condição de uma “escrita que não é mais o puro registro da experiência de objetos. Ela é antes um afeto, uma condição intransitiva e passiva de eventos que não possui um tempo real e tampouco um espaço real, senão que é propriamente o afeto de espaço e tempo” (Eisenman, 2003a: 219),⁷ Eisenman sublinha a condição de interioridade da recepção da arquitetura:

A aura da arquitetura envolve o olho e o corpo de forma diferente de um texto escrito. Esta diferença se baseia no fato de que o corpo e o olho estão sempre dentro da arquitetura de uma forma que não é o caso da escrita. É esta qualidade de estar dentro que é determinante para a aura da arquitetura, sua interioridade e presença, que a distingue da aura da escrita. A aura da arquitetura sempre implicou o olho

⁵ Para a redação deste artigo foi usada a tradução ao alemão publicada por Gerd de Bruyn e Stephan Trüby sob o título *Der Affekt des Autors: Leidenschaft und der Moment der Architektur*.

⁶ Na versão em alemão: “Der Unterschied zwischen Architektur und Schrift wird gewöhnlich als einer zwischen Sachen und Zeichen bestimmt. Sachen und Zeichen gehören Systemen des Aufschiebens [deferral] an, und diese beiden Systeme beinhalten einen Moment des Überschreitens, ein Überschreiten, das zugleich auch ein Aufschieben dieses Moments ist. Darin besteht auch ihre Verschiedenheit: Der Unterschied zwischen dem System der Sache und dem System der Zeichen entspricht dem Unterschied zwischen dem Moment der Rezeption eines Wortes und dem Moment der Rezeption einer Säule.”

⁷ Na versão em alemão: “Dieses Schreiben ist nicht mehr nur eine Aufzeichnung der Erfahrung von Objekten. Es ist vielmehr ein Affekt, eine intransitive und passive Bedingung für Ereignisse, die weder eine reale Zeit noch einen realen Raum besitzt, sondern eher der Affekt von Zeit und Raum ist.”

e o corpo porque a arquitetura tem sido tradicionalmente definida por uma forma monocular de ver que fez do sujeito o centro do espaço perspectivado tridimensional (Eisenman, 2003a: 216).⁸

Ainda que Eisenman não indique explicitamente, a condição de interioridade que ele apresenta nesta passagem foi definida por August Schmarsow em seu fundamental ensaio *Das Wesen der architektonischen Schöpfung* (Schmarsow, 2006: 472-474), publicado em 1894, no qual o historiador de arte descreve que esta condição de interioridade, ocupada pelo usuário da arquitetura, é prevista de maneira virtual pelo arquiteto, na condição de autor, no momento de projeto, ou seja, ao ser capaz de se colocar virtualmente na posição do futuro usuário do espaço arquitetônico, o arquiteto tenta operar, nos termos de Eisenman, com a condição que nada mais é que o afeto de espaço e tempo.

Se há um motivo especial em geral que leva filólogos a visitarem os espaços de cultura onde se dá a produção e recepção inicial dos textos que constituem o interesse de seu trabalho, ainda mais se se trata de escritos históricos, como é o caso aqui da obra do Padre Antônio Vieira, está claro a partir do que Eisenman apresenta que este motivo é a tentativa de, uma vez no interior destes espaços, colocando-se como usuário ao assumir a visão em perspectiva, tridimensional, ser capaz de experimentar a aura da arquitetura, através dela reativar a paixão do momento da arquitetura, experimentar o olhar do outro “que pode se tornar um olhar do excesso passivo, um momento de diferimento no presente” (Eisenman, 2003a: 217).⁹

Atrás do mito da presença, um passado de desastres

O visitante atual da nova igreja da Ajuda realmente seria capaz de, diante do púlpito usado pelo Padre Antônio Vieira, ter esta experiência, em um espaço arquitetônico distinto daquele onde o púlpito se encontrava quando ali os sermões foram lidos, um espaço efetivamente novo, orientado de maneira diametralmente oposta ao anterior? Ou a imanência criada pelo conjunto dos altares e imagens da igreja antiga reinstalados na igreja nova, a proporção aproximada do espaço interior, a vizinhança imediata entre o sítio novo e o antigo são exemplos de um sucesso de negociação cultural entre modernização e tradição operada no início do século XX, ao serem capazes de, ao menos tangencialmente, fazer valer o olhar do outro, articular o diferimento no presente e ativar o momento da paixão da arquitetura?

Esta presença na interioridade de uma arquitetura, que mais se destina à construção de um simulacro ou de uma virtualidade de um passado que não mais existe na forma da especificidade das paredes, estilo e acúmulo de registro histórico, uma vez que deixaram de existir com a demolição da antiga igreja, logicamente parece, assim apresentada, vulnerável à questão de sua autenticidade, sua veracidade, o que nos levaria a uma pouco frutífera e desgastada oposição que, em sua versão extrema, contrapõe uma sacralidade atribuída a qualquer original a uma blasfêmia a qualquer modo de intervenção em um edifício histórico.

⁸ Na versão em alemão: “Die Aura der Architektur bezieht Auge und Körper anders ein als ein geschriebener Text. Dieser Unterschied beruht auf der Tatsache, dass sich der Körper und das Auge immer auf eine Weise innerhalb der Architektur befinden, wie es bei der Schrift nicht der Fall ist. Es ist diese Eigenschaft des innerhalb, die für die Aura der Architektur bestimmend ist, ihre Interiorität und ihre Präsenz, die sie von der Aura der Schrift unterscheidet. Die Aura der Architektur hat immer das Auge und der Körper impliziert, weil Architektur traditionell durch eine monokulare Sehweise definiert wurde, die das Subjekt zum Mittelpunkt des dreidimensionalen perspektivischen Raumes machte.”

⁹ Na versão em alemão: “Dieses Zurückblicken kann zu einem Blick des passiven Exzesses werden, wenn dieser Moment von einem Zustand des Aufschubs in der Gegenwart handelt.”

O próprio Eisenman, em outro texto no qual ele analisa um modo distinto do senso comum para o emprego da palavra 'desastre' a partir da incapacidade da linguagem em geral em expressar os excessos contidos em eventos como o Holocausto, fornece as pistas para escaparmos à sedução desta avaliação, digamos assim, redutora da experiência espacial. Afinal, há algo que subsiste e persiste diante do púlpito preservado no interior da nova igreja da Ajuda. Em *The Affects of Disaster*, Eisenman parte dos efeitos da recepção midiática do ataque terrorista contra as Torres Gêmeas em Nova Iorque no dia 11 de setembro de 2001 para desenvolver seu argumento que irá opor a linguagem da expressão à linguagem da criação. Segundo ele, a cobertura ao vivo em escala mundial do ataque à segunda torre é o marco do

embaçamento da realidade pela mídia [que] afeta, portanto, a arquitetura, que historicamente tem sido considerada o locus da realidade e o repositório de uma metafísica de presença. Hoje a suposta verdade desta metafísica de presença é vista como ficção histórica, contribuindo assim para o desastre metafórico que a arquitetura enfrenta (Eisenman, 2003b: 60).¹⁰

À esta reconhecida incapacidade da linguagem de expressão, à qual Eisenman atribui as qualidades do que é teatral e subjetivo, do que produz afetos subjetivos e um observador mais passivo, o texto contrapõe a linguagem da criação, capaz de criar afetos originais, autônomos, que produz condições objetivas fora da história da metafísica da presença (Eisenman, 2003b: 61). Defendendo em sua conclusão que a ruptura entre as instâncias da expressão e da criação abre a possibilidade para algo entre as duas que libere a arquitetura da metafísica da presença para efeitos que sejam novos e originais, Eisenman irá sublinhar a condição de desastre, marcada pela perda de diferenciação entre fato e ficção, entre a coisa e sua representação que está na base da crise de unidade que atinge toda linguagem, inclusive a arquitetônica (Eisenman, 2003b: 60).

Visto desta perspectiva, o conjunto de operações no espaço que estabelecem uma continuidade aberta, interpretativa, entre as igrejas antiga e nova da Ajuda assume no mínimo uma condição ambígua em relação à metafísica da presença. Esta ambiguidade reside na maneira como o movimento de duplo espelhamento do volume do edifício em relação à rua da Ajuda articula as abstrações que transferem elementos estruturantes da arquitetura do edifício antigo para o novo e tensiona, assim, o que poderia ser descrito como um campo magnético de metafísica da presença e que fez a nova igreja ser construída em um sítio em vizinhança imediata da antiga.

As obras de modernização do centro de Salvador executadas por J. J. Seabra têm como condição para sua realização o bombardeio da cidade em 1912: a partir dos fortes de São Marcelo, São Pedro e Barbalho bombas foram lançadas em direção ao núcleo mais antigo do centro, o que levou à destruição e incêndio do Palácio do Governador – e da mais antiga biblioteca do país, nele abrigada – assim como dos quarteirões que lhe eram vizinhos. Este bombardeio possibilitou a chegada ao poder de J. J. Seabra e a destruição que ele causou é a base material sobre a qual são realizadas as obras de alargamento da rua Chile e de abertura da avenida Sete de Setembro. Visto deste ângulo, um particular desastre, o da destruição causada pelo bombardeio, desestabiliza todo o sistema espacial e social da cidade e abre os caminhos para o seu processo de modernização.

¹⁰ No original: "The media's blurring of reality therefore affects architecture, which historically has been thought to be the locus of reality and the repository of a metaphysics of presence. Today the assumed truth of this metaphysics of presence is seen as historical fiction, thus contributing to the metaphoric disaster that architecture faces."

Enquanto a antiga Sé, que se encontrava em ruínas no início do século, é demolida finalmente em 1933, encerrando assim o primeiro ciclo de modernização de Salvador, as ações de reconstrução de edifícios como o Palácio do Governador e as igrejas de São Pedro e da Ajuda, aquele no mesmo sítio original, estas duas em sítios diferentes do original, e os debates registrados nos jornais da época e analisados por Gabriela Assunção, devem ser lidos como elaborações de afetos relacionados ao desastre, exatamente por constituírem esforços de compreensão de uma ruptura que abala a unidade entre arquitetura e o sistema de espaço público na cidade mais antiga do país.

Conclusão

É possível assim, em primeiro lugar, tentar compreender a tensão entre o estilo neomanuelino, modernizante, da nova igreja da Ajuda, entendido aqui como um plano onde a linguagem de expressão tenta conferir afetos subjetivos através de uma construção estilística, e a capacidade de montagem eclética que compõe seu interior a partir da composição tipológica de alguns dos elementos que constituíam a arquitetura da antiga igreja, como uma tentativa de operar entre as duas linguagens da arquitetura apontadas por Eisenman. Incapaz obviamente de restaurar ou sequer se contrapor ao desastre que desfaz o sentido de uso dos espaços públicos da cidade, a nova igreja da Ajuda apoia-se na presença da escrita em sua história – talvez seja mais preciso referir-se à palavra falada –, no lugar da fala do Padre Antônio Vieira, para ser reerguida. Entretanto, avançando nas consequências advindas da abordagem através das ideias de Eisenman, seu deslocamento no espaço, seu duplo espelhamento, faz a nova igreja situar-se, de maneira interessante, diante e ao lado de um vazio construído, o espaço da rua da Ajuda, antes ocupado pela antiga igreja: é possível que décadas antes da transmissão ao vivo da destruição da segunda torre das Torres Gêmeas em Nova Iorque a reconstrução de uma simples e pequena igreja no centro de Salvador indique, precisamente através de sua ambiguidade, a dissolução do mito de presença. Afinal, boa parte do grande esforço que suporta sua reconstrução já está alicerçada em uma presença que apenas pode ser um traço, um vestígio, que é o da palavra escrita e falada, uma presença que por si só já elide a diferença entre o sistema da coisa e o sistema do sinal apontada por Eisenman como tradicionalmente usada para distinguir a arquitetura da escrita. Se há transgressão na nova igreja da Ajuda é uma que já aponta tão cedo para o ficcional do mito histórico da presença para, criando um segundo plano de ficção através de uma interioridade autônoma, tentar fazer ecoar no novo espaço, articular através dele um diferimento no presente do espaço da antiga igreja e, com ele, por ele, as palavras de Antônio Vieira. O espelhamento da igreja, a mudança da direção da fala do mais importante pregador do Brasil colonial, é, ao mesmo tempo, um dos primeiros registros na cidade dos radicais meios de rompimento e conciliação da modernização caracterizada pela fluidez das novas tecnologias, em especial do transporte, sua reestruturação espacial, a imposição da nova ordem sobre a antiga, desfazendo a cartografia acústica das relações entre igreja e Estado.

Referências

ASSUNÇÃO, Gabriela de Andrade Lira Mota. **Imagens dissolventes da narrativa de modernidade. Interpretações sobre a tradição a partir de casos de demolições em Recife e Salvador (1909-1933)**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

A igreja da Ajuda em Salvador, Bahia e o deslocamento do lugar de fala do Padre Antônio Vieira

The church of Ajuda in Salvador, Bahia and the displacement of Father Antônio Vieira's place of speech

La iglesia de Ajuda en Salvador de Bahia y el desplazamiento del lugar de habla del Padre Antônio Vieira

EISENMAN, Peter. Der Affekt des Autors. Leidenschaft und der Moment der Architektur, in: De Bruyn, Gerd; Trüby, Stephan (eds.). **architektur_theorie.doc texte seit 1960**. Basel et al.: Birkhäuser, 2003a, pp. 215-219.

EISENMAN, Peter. The Affects of Disaster, in: Tschumi, Bernard; Cheng, Irene (eds.). **The State of Architecture at the Beginning of the 21st Century**. New York: The Monacelli Press, 2003b, pp. 60-61.

LINS, Eugênio de Ávila; SANTANA, Mariely de (eds.). **Salvador e a Baía de Todos os Santos. Guia de Arquitetura e Paisagem**. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Viviendas; Dirección General de Rehabilitación y Arquitectura, 2012.

MOREAU, Filipe Eduardo. **Arquitetura militar em Salvador da Bahia - séculos XVI a XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: FAUUSP, 2011.

SCHAMRSOW, August. Das Wesen der architektonischen Schöpfung, in: Dünne, Jörg; Günzel, Stephan (eds.). **Raumtheorie. Grundlagentexte aus Philosophie und Kulturwissenschaft**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006, pp. 470-484.

SIMAS Filho, Américo. **Evolução física de Salvador 1549-1800**. Salvador: Fundação Gregório de Mattos; Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia, 1998.

VACA Cevallos, Mariana. **Igreja da Ajuda, Salvador, Brasil. Proyecto de Conservación y Puesta en Valor**. Trabalho de conclusão do VI Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos. Salvador: Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, 1988.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 22/10/2023

Aprovado em 11/12/2023